

faculdade tinha curiosidade e interesse no trabalho da ONU e outras ONGs de ajuda humanitária. No EB, até então, não havia vagas para QCO de Comunicação Social no BRABATT. Apenas em 2011, servindo no Centro de Comunicação Social do Exército (CCOMSEX) em Brasília, quando fui mais uma vez cobrir os trabalhos da tropa na capital haitiana, soube da possibilidade de ocupar vaga na Companhia de Engenharia. Me voluntariei, mas durante o processo seletivo em 2012 fui informalmente preterida por ser do segmento feminino, e desisti. Permaneci como voluntária para missões de paz na base de dados do Departamento-Geral do Pessoal (DGP), e só em 2018 pude participar do Estágio Preparatório de Missão de Paz (EPMP) do Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB) com o apoio da TC Ivana Mara, que trabalhava na Divisão de Missão de Paz do Comando de Operações Terrestres (COTER).

3. Você recebeu incentivo de seus superiores e/ou pares do Exército para se voluntariar? Percebe mudança dentro da Força com relação à importância de que mais mulheres sejam desdobradas em missões de paz?

Conforme mencionado, recebi da TC Ivana Mara e dos meus pares. Percebo a mudança dentro da Força, devido à exigência da ONU em aumentar a participação das mulheres.

4. Quando e como soube que iria participar especificamente da UNITAMS? Qual era a sua função no Exército quando foi confirmada a sua designação?

Eu era chefe da Seção de Comunicação Social do Comando Militar do Leste (CML) e estava cursando o Estágio Setorial de Preparação Específica de Militares do Segmento Feminino para Operações de Paz (EPESFOP) no CCOPAB, em dezembro de 2021, quando recebi uma ligação do Gabinete do Comandante do Exército dizendo que eu havia sido selecionada para a vaga de *Reporting Officer* da UNITAMS, com desdobramento inicial para 31 de janeiro de 2022.

5. Como foi a sua preparação para esta missão específica?

Basicamente se resume ao EPESFOP de duas semanas no CCOPAB e o Estágio Intensivo de Idiomas (EII) do Centro de Idiomas do Exército (CIDEx).

6. Quais os objetivos da UNITAMS? Como você, na atual função, apoia a ONU na implementação do mandato desta missão?

A Missão Integrada das Nações Unidas de Assistência à Transição no Sudão (UNITAMS) é uma missão política especial criada para dar apoio ao Sudão durante sua transição política para o regime democrático. A vaga do Brasil pertence ao Comitê Permanente de Cessar-fogo (PCC, acrônimo em inglês) da UNITAMS e tem como principais atribuições monitorar e reportar os acordos de cessar-fogo em Darfur, receber e verificar possíveis violações, monitorar as atividades de desminagem e facilitar o

acesso humanitário conforme os termos previstos no mandato. Na minha função de oficial de relatórios (*reporting officer*) confecciono relatórios sobre o andamento do cessar-fogo para a sede da missão e para o *Joint High Military Committee for Security Arrangements*, ambos na capital (Cartum) e também para o Alto Comissariado Conjunto, na sede da ONU (Nova York).

7. Onde você está desdobrada?

Em El Fasher, norte de Darfur, região oeste do Sudão, sede do PCC.

8. Quais as principais tarefas sob a sua responsabilidade?

Como oficial de relatórios (*reporting officer*) confecciono relatórios diários, semanais, mensais e trimestrais sobre a situação na região. Com o meu histórico de oficial de Comunicação Social, passei a acumular também a vaga de oficial de informações públicas (*public information officer*), atuando na divulgação do trabalho do PCC. Como mulher, tenho ministrado palestra sobre a igualdade de gênero no processo de cessar-fogo.

9. Como é o seu contato com a população local, especialmente com as mulheres?

Temos pouco contato com a população local por questões de segurança, ficando restrito aos funcionários do escritório, nas atividades do dia a dia e nas poucas reuniões do PCC com a sociedade civil para entender seus anseios e prioridades.

10. Quais as principais demandas dos locais?

Segurança, acesso a alimentos e participação das mulheres nos processos decisórios. Ainda há casos constantes de roubos e estupros, pouca oferta de empregos e baixa participação feminina nos comitês regionais ou nas forças de segurança, seja por motivos sociais e/ou religiosos, ou mesmo pela falta de oportunidades. Neste momento, há uma preocupação com a falta de pagamento de salários aos novos integrantes das forças de segurança provenientes dos grupos armados signatários do Acordo de Paz assinado em 2020 e muita insatisfação com a instabilidade política e econômica devido à não transição do governo militar para os civis após o golpe de 25 de outubro de 2021, que acaba de completar um ano.

11. Quais os principais riscos que você correu até o momento como militar?

Como estamos em fase de cessar-fogo, a proposta é manter perfil baixo e promover, sem o uso de nossos uniformes, o desarmamento, desmobilização e reintegração de ex-combatentes (DDR) para atuarmos da forma mais parcial possível, minimizando os riscos. Então não usamos farda e, portanto, não senti nenhum risco perceptível como militar.

12. Quais os principais riscos que você correu até o momento como mulher?

Somos orientadas o tempo todo a não andarmos sozinhas, hora nenhuma, e a usarmos roupas mais largas e cumpridas. Não há exigência do *hijab* (véu sobre a cabeça), e no geral, como comunidade internacional, somos respeitadas. Ainda assim, a insegurança é muito grande, até mesmo para homens, havendo casos diários de assaltos e relatos constantes de estupros junto à população local.

13. Quais os principais sacrifícios feitos até agora como militar?

O componente militar é muito pouco perceptível na missão, que é política, e por isso considero que não usar a farda com a bandeira do Brasil no ombro é um pouco frustrante. Pude usar meu uniforme na chegada à Missão, durante o processo de *check in*, e, além da segurança inerente que ele nos dá, é extremamente notável como o Brasil é bem quisto tanto no Sudão, quanto entre os nacionais de diversos países que integram a UNITAMS.

14. Quais os principais sacrifícios feitos até agora como mulher?

Consigo pensar em vários, tais como abdicar dos nossos hábitos culturais, das nossas vestimentas, da nossa liberdade, dos cuidados com a beleza, das relações interpessoais, enfim, quanto menos atenção chamarmos, melhor.

15. Que mensagem gostaria de transmitir a outras mulheres brasileiras (militares, policiais e civis) que pensam em desbravar novos caminhos no exterior?

Estejam dispostas a renunciar ao seu conforto e de todas as facilidades da vida moderna para começar o desafio! Depois, aprendam a ver e a dar valor ao lado bom de toda dificuldade, com paciência e sem expectativas... A convivência multicultural e o descobrir de novos hábitos e costumes fazem a gente abrir os horizontes, exercitar a tolerância e se superar diariamente. Aproveitem a jornada: passa rápido e eu tenho certeza de que todo sacrifício momentâneo valerá a pena pela experiência engrandecedora como profissionais e como pessoas!

Hamann, E. "Entrevista exclusiva com a Major Gabriela Rocha Bernardes". Publicado pela REBRAPAZ em OUT/2022. Disponível em: www.rebrapaz.com/o-que-pensamos/.